



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envol fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

12 de Novembro de 2005 • Ano LXII • N.º 1609
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Benguela

Quarenta e dois anos

QUANDO estas Notas pousarem debaixo dos vossos olhos, passaram 42 anos depois que chegámos a Benguela. Recordo como se fosse hoje. O fogo que consumia a nossa vida era o mesmo de agora. Quem me dera não se apagasse mais!

Subi, mais uma vez, o morro onde fica situado um dos bairros mais pobres. A chuva está à porta e é preciso cuidar do abrigo para recolher a mãe e os filhos. Se tivesse tempo, não faria mais nada. São tantas as necessidades que chegam até nós que a lista de espera cresce como a paciência dos justos. A ajuda oficial não desce à terra da multidão anónima. Por isso, está abandonada. Vamos caminhar, pelo meio do povo, de mãos dadas com todos os que se juntam a nós. O Amor gratuito é a alma de toda a acção eficaz pedida pela justiça.

A esta luz vivi um momento feliz, na sexta-feira passada. Foi a propósito da abertura dum loja. A empresa proprietária, ainda com poucos anos de vida, quis celebrar o acontecimento de forma inédita. Um dos actos mais significativos foi a assinatura dum protocolo com a nossa Casa do Gaiato, onde constava o apoio mensal, em valor monetário percentual, equivalente a meio por cento do seu volume bruto de facturação mensal. Desta forma, a empresa pretende realizar a política social que sempre a norteou com o programa de ajuda aos necessitados.

Neste gesto, para além do benefício recebido, vejo um horizonte muito mais amplo. A empresa saiu dos seus limites fechados. Deixou de pensar apenas nos seus lucros. Assumiu a sua dimensão social dentro e fora dos seus muros. Quando assim acontece, estamos

na presença dum alavanca do verdadeiro progresso da nação. O equilíbrio social ganha-se com o comportamento justo dos principais agentes da riqueza dum país. É que só há progresso, quando todo o povo beneficia dos empreendimentos instalados na sua terra.

Tenho Angola diante dos meus olhos. Uma terra mãe tão rica que pode dar aos seus filhos a abundância de tudo o que necessitam e repartir pelos que precisam dela. O povo todo pode e tem direito a viver feliz, gozando da dignidade que lhe pertence. No dia 11 de Novembro vai celebrar 30 anos de Independência. A guerra fratricida semeou miséria e morte ao longo dos anos passados. Muitas empresas, entretanto, chegaram. O equilíbrio social não existe, em termos de benefícios básicos para a maioria do povo. A pobreza extrema e a miséria são o estatuto que marca a vida da maioria dos cidadãos. Todos são chamados, por força da justiça social, a comer à mesa o pão abundante da mãe terra. As empresas estabelecidas em Angola

Continua na página 3

Calvário

Fermento

TODOS fizemos já o diagnóstico da época em que vivemos — conflitos mundiais, tensões internacionais, preocupações nacionais e familiares, pobreza generalizada, patologias novas, epidemias. A angústia e o desespero campeiam naturalmente.

Ora, o Espírito de Deus está sempre pronto em insuflar ventos novos para limpar o ar carregado e fortalecer as vontades.

Por isso, em contrapartida, para minorar os males do nosso tempo, despontam organizações mundiais e inúmeras modalidades de apoio científico, técnico ou simplesmente de socorro.

Mas, para além destas, encontramos no coração de todos aquilo que pode mudar radicalmente tudo — a capacidade de amar que Deus deposita no coração de cada homem. Quando alguém ama o último dos mortais, o mais pobre, o mais desprezado, o mais humilde inicia-se a revolução e a transformação do nosso mundo. Este será menos mau porque alguém o começa a melhorar.

A Rosa, pequena e débil, foi para o hospital, não porque precisasse de cuidados de saúde, mas porque a mãe, muito doente, teve de ser internada de urgência. Viviam ambas num estábulo, para os lados da Serra do Barroso. Como a Rosa não podia ficar sozinha naquele local destinado a animais, foi levada com a mãe para o hospital, até que alguém se condoesse da pequena e a acolhesse.

Veio, pois, para nossa Casa já órfã de mãe. Nunca alguém a veio visitar. Ela não tem consciência de nada. Não se alimenta por si. Está totalmente dependente de outrém. Amá-la para que ela seja irmã de todos nós é começar a melhorar o nosso mundo. Ela é, na verdade, um ser humano em abandono e desprezo, carente de carinhos.

Ora, aqui todos a aceitam e estimam.

O fermento vai levedando a massa. É pouco? É uma gota de água neste oceano de amarguras? Certamente! Mas é fermento.

Padre Baptista

Momentos

Esperança

À noite, antes do jantar, em todas as Casas do Gaiato rezamos o Terço com os rapazes.

É uma forma simples de louvar a Deus através de Nossa Senhora. Ela a Obra Prima da Sua criação e da Sua graça é saudada pelos rapazes e por nós, com todo o carinho e ternura.

A Avé-Maria, cinquenta e três vezes repetida no Terço, é um desabafar do coração jovem perante a Mãe, tão rica de graça, de generosidade e beleza que quase nos extasia e nos obriga a repetir: — Avé-Maria cheia de graça!...

O coro dos rapazes: — Avé-Maria — e Santa Maria, em certos dias é assombroso!

De um lado, os mais pequenos, num tom mais doce e agudo. Do outro, as vozes dos maiores, graves e solenes.

As três Avé-Marias finais são rezadas pelas intenções mais vivas na memória da rapaziada: — os nossos amigos, os gaiatos das outras Casas, o santo Padre, o nosso Bispo, os doentes, os presos, as almas do purgatório, etc.

Na Casa do Gaiato de Lisboa os rapazes nunca esquecem o Deno Có.

Há dias, não sei porquê, estremei ao ouvir o tom de voz com que o presidente da oração recomendava: «Por alma do Deno!»... Era um misto de ternura fraterna, de saudade, de carinho e de fé na vida da qual o irmão participa, que me arrepiou pela transcendência invocada. Sim, a Vida Eterna é corolário da transcendência do homem! Se os rapazes não acreditassem, não rezavam, e ao fazerem-no firmam-se melhor nestas verdades fundamentais.

As convicções assentes no que é intuitivo à natureza humana e confirmado pela revelação divina, à

medida que as tornamos presentes convertem-se em força interior e certezas orientadoras da consciência.

Mais ainda me surpreendeu um ofício do presidente da Junta de Freguesia de Santo Antão do Tojal a mim dirigido, confirmando que isentava de pagamento as licenças para o arranjo da campa do Deno Có.

Ora eu não pedi nada à Junta de Freguesia nem pensava fazer obras no cemitério. Perguntei, com simplicidade aos rapazes se alguém, em nome da Casa, havia solicitado autorização para tal, sem meu conhecimento. Que sim senhor. Desejavam mandar pôr uma pedra tumular por cima da sepultura do amigo e que a Junta também iria colaborar.

No sentimento dos rapazes, acho estas iniciativas uma afirmação de Vida e um hino à Eternidade! Pois se tudo houvesse acabado e a pessoa alvo deste carinho não tivesse condições para o apreciar, como aconteceria se não vivesse, os rapazes, na sua espontaneidade, achariam um absurdo, arranjar a campa do companheiro falecido.

Sabemos que nos cemitérios não vive ninguém. Lá estão somente os restos mortais das pessoas cujos corpos foram ali tumulados. Mas esta linguagem simbólica fala aos nossos sentidos e permite que a intenção se fixe na pessoa querida. É a expressão popular incipiente e intuitiva neste mês das almas.

Claro, que os rapazes precisam de saber que vale mais uma oração bem feita, uma boa obra em favor de um colega ou outro pobre, uma renúncia a qualquer sedução, um esforço pelo próprio aperfeiçoamento do que estes gestos primitivos; contudo para nós mais velhos e mais cultos são também afirmações ainda que irreflectidas, da Vida, após a passagem mortal.

Neste mês, falamos muitas vezes aos rapazes, explicando, quanto é possível e sabemos, o que se refere aos defuntos para que a Esperança Cristã seja luz e conforto de quem sofre a saudade, a solidão e a dor.

Neste mês, como em todos os dias do ano, pomos no altar do Senhor, as almas que nos são recomendadas e pelas quais nos comprometemos a orar.

Padre Acílio

Moçambique

Fome aguda

ESTAMOS na fase mais aguda da fome, nesta zona de Moçambique.

Dos que semanalmente levamos ao hospital, há pelo menos um que morre. A debilidade física devido à fome, associada à doença, está a levar muita gente à nossa volta. Em Picoco temos a pior situação conhecida. O Povo não tem emprego. Os que nas inundações de 2000 foram acolhidos nas casas de caniço, há muito as abandonaram e regressaram às margens do rio. Aqueles que receberam casas de alvenaria, nunca mais tiveram onde fazer horta, onde colher qualquer verdura que ajude a mudar a cor da farinha como caril. Na Aldeia não há espaço. À volta das casas tudo secou, nestes longos meses sem água. O recurso mais barato e acessível a quem consiga alguma ajuda é comprar bebida, ficar deitado para não sentir tanto a fome e deixar que o dia passe.

Estamos a distribuir milho a mais de trezentas famílias, e mais seiscentas pessoas individualmente, que são doentes, idosos e outros em situação difícil, como aquele avô que tem em sua casa trinta pessoas, entre netos órfãos da sida, filhas já com a doença e outros parentes. É milho do Programa Mundial de Alimentação, comprado em Moçambique, em áreas do Norte, onde abundou. Nesta carestia tão grande, só mesmo farinha melhorada com soja para crianças desnutridas é que está disponível. O que os outros países ricos poderiam dar de sobras alimentares vai para outros lados em que desgraçadamente, neste mundo em mudança, os senhores da guerra promovem a morte e deixam ao desamparo milhões de seres humanos, cujo destino é o martírio lento pela

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

ERRADICAÇÃO DA POBREZA

Um diário aproveitou a celebração do Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza, obra na qual também entrevistou António Marujo, que apresenta um estudo da Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS), analisando o tipo de respostas sociais que existem nas comunidades, por parte das autarquias ou das IPSS. Um estudo inédito realizado em 2003, mas até agora não publicado. «Detecta uma reduzida capacidade de inovação».

Alguns dos resultados da investigação: mais de 23.000 pessoas e 256 entrevistas a representantes de autarquias e das IPSS.

A análise dos dados confirma, ainda, a ideia de que as regiões rurais estão mais desprovidas de respostas sociais e que, à medida que se caminha do litoral para o interior do País, os problemas são mais graves. Há mais pobreza, mais analfabetismo, mais solidão dos idosos.

(...) Olhando exclusivamente para a análise feita por quem presta serviços de apoio social, a percepção sobre a realidade circundante não é muito diferente da população em geral. Na região Centro, mais de metade dos inquiridos referem a solidão, as carências económicas e os idosos sem apoio. No Norte, os mais mencionados (acima de 30%) são o desemprego e as carências económicas; no Sul, mais de metade apontam a toxicod dependência, o desemprego e, uma vez mais, a existência de idosos sem apoio.

Porque a ideia desta investigação era também detectar lacunas nas respostas sociais, uma das perguntas feitas à população passou por saber do que sentiam falta nas comunidades...

PARTILHA — Assinante 7769, do Porto: «Depois de ter lido o *Jornal de 1 do corrente mês e destinado aos doentes mencionados, envio um cheque de cem euros para medicamentos e, assim, ajudar a que a conta vá diminuindo*». No mês de Outubro pagámos à Farmácia 450 euros.

Leça da Palmeira, assinante 67906, «trinta euros e para O GAIATO também. É pouquinho, mas espero que me compreendam. Os tempos são difíceis para toda a gente. Que Deus vos ajude a continuar essa acção maravilhosa».

Mais «um pequeno contributo anual para os Pobres da Conferência de Paço de Sousa», pela mão da assinante 25805, de Vila Nova de Famalicão.

«Com as minhas desculpas pela demora», a assinante 57558, do Porto, manda, agora, 150 euros. São presenças muito assíduas!

Vêm lá, agora, cinquenta euros, do assinante 79376, de Lisboa.

E mais 150 euros, de uma assinante de Carregosa: «Estou a enviar o meu contributo habitual. Apliquem-no no que mais precisarem para os Pobres. O Senhor vos ilumine e dê muita saúde. Sem agradecimentos, só espero

poder continuar», com a vontade de Deus, evidentemente.

Assinante 11856, do Porto, «quarenta euros para a vossa Conferência e outro tanto para o Processo de Beatificação do Padre Américo».

Outra remessa, de cem euros, do assinante 9790, uma presença regular de ofertas para os nossos Pobres: «Lembro nesta hora todos os meus que já partiram. O Senhor os receba na Sua Glória e, também, as Almas do Purgatório».

Não esqueçamos, ainda, uma encomenda de roupa pela mão da assinante 54917. E outras, do mesmo género.

Obrigado a todos, em nome dos Pobres.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do *Jornal O GAIATO*, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

DESPORTO — Desta vez recebemos um grupo de Besteiros. Como sempre acontece, recebemo-los com todo o carinho. Doutró modo, não fazia sentido a nossa presença no Desporto. Nós não somos diferentes, e ainda bem! Desde que nos respeitem, fazemos questão de retribuir da mesma maneira.

Em relação ao jogo, tudo decorreu normalmente. Um jogo viril, muito embora correcto e sem casos. O árbitro não esteve mal, e os jogadores responderam. Apesar da partida viver uma fase algo monótona, sem grandes lances de perigo, a equipa da Casa colocou-se na posição vencedora, ao concretizar uma grande penalidade, através de «Russo». Até ao final da primeira parte, o jogo pouco melhorou, não passando despercebido um ligeiro domínio da equipa visitada.

Na segunda metade, o jogo foi bem melhor, com os Amigos de Besteiros a aparecerem com outra atitude. Resultado prático dessa melhoria, foi o golo dos visitantes. Mesmo assim, e com mais um golo do Serafim e dois de André, um dos quais de se lhe tirar o chapéu, o resultado final fixou-se em 4-1. Melhor em campo: André, pela garra, pela luta que deu ao adversário, pelos golos que marcou, e sobretudo pela sua correcção, sua postura e humildade dentro das quatro linhas. «Bolinhas» e Agostinho foram mais uma vez, os «carrascos» do jogo. Não foi por acaso que, este último, teve que se ir tratar de um pé.

Como parar é morrer, nós não parámos. Em 23 de Outubro, dia de Aniversário de Pai Américo, recebemos a União Desportiva de Lagoas. Um grupo que está habituado a jogar duro, mas que soube respeitar o adversário. No entanto, os nossos Rapazes não se deixaram intimidar e deram a respectiva luta até ao apito final do árbitro. Um jogo bem disputado e mais ou menos correcto. Com um golo de Serafim, fixou-se o resultado final. O autor do golo é um dos nossos centro-campistas, que por sinal trazia na t-shirt, por baixo do equipamento a seguinte dedicatória: «Te amo Pai Américo por este grupo de futebol».

Tínhamos falado no balneário, que se não lhe pudéssemos oferecer a vitória, pelo menos o nosso bom comportamento. Graças a Deus, oferecemos as duas coisas e logo com um golo protagonizado pelo homem da dedicatória.

Alberto («Resende»)

Setúbal

RAPAZES — O Nuno «Largato» foi operado ao joelho, no Outão, mas já regressou e anda de canadianas. Esperamos que recupere rapidamente. O «Pipas» e o «Ouriço» vão à inspecção da tropa. Estão a pensar em seguir a carreira militar.

VOLUNTÁRIO — Está cá um senhor professor chamado José Manuel, que dá apoio aos rapazes do 1.º Ciclo. Também toca viola e órgão na nossa Missa, aos Domingos, e faz mais trabalhos connosco. Vai ficar durante algum tempo.

HORTA — O Fernando, com a ajuda de alguns rapazes, andou a plantar couve que um dia, mais tarde, irá servir para as nossas refeições do dia-a-dia. O «Lota» já andou a sachá-la e adubá-la. O Amândio espalhou esterco no resto da horta para depois plantar outras coisas.

CONVÍVIO FRATERNAL — O Jaime e o Mário Paulo fizeram o Convívio Fraternal em nossa Casa da Arrábida. O «Pipas» foi como ajudante. Esperamos que seja uma forma de virem o pensamento para Deus.

VACARIA — Morreu um bezerro que estava no viteleiro. Não sabemos o que aconteceu para morrer. O veterinário veio cá medicá-lo, mas não resistiu.

Veio cá um camião descarregar palha. Servirá para misturar com a silagem, para alimentar as nossas vacas e bois.

António Loureiro

Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

SÃO MARTINHO — No próximo dia 13 de Novembro, pelas 15h00, na nossa Sede, vamos marcar presença, no que já é tradição da Casa: o magusto. Como é costume, temos que dividir as despesas, logo cabe a cada um cinco euros, mas os menores de 12 anos estarão isentos. Espero que os antigos gaiatos daqui marquem presença, mostrando quem somos.

FESTA DE NATAL — No dia 18 de Dezembro, o pai natal fará uma visita, deixando prendas. Mas, para isso, terá o amigo que inscrever o seu filho ou neto, até à idade de 12 anos, e que tenha a sua senha em dia. Sendo o prazo limite de inscrição até 11 de Dezembro.

BUSTO — Os donativos para o Busto de Pai Américo, recentemente inaugurado, no dia 3 de Julho deste ano, continuam a chegar. Recebemos, à data, mais mil euros, elevando, assim, para cinco mil euros, faltando, ainda, dez mil euros. Peço o contributo de todos, enviados ao cuidado da Associação da Comunidade O Gaiato, Rua Morgado de Setúbal, 91, 2910-672 Setúbal. Uma nota de atenção, os vales de correio, quando rasurados ou emendados, o Banco não faz prova de bom depósito, solicito que tenham em atenção este pormenor e, a quem

queira que se envie recibo, o favor, dentro do possível, enviar o número de contribuinte.

César Amante

Santo Antão do Tojal

CAMPO — O Sr. José, Sr. Rafael e o nosso rapaz, o «Mata Cães», (Luís Mateus) já têm os viveiros preparados para deitar as sementes na terra. Caíram as primeiras gotas que ainda se contam pelos nossos olhos. Mas temos fé que as terras sejam bem regadas nos próximos dias.

POMAR — As macieiras, os diospireiros, as ameixoeiras, as laranjeiras têm-nos dado boa sobremesa. Que Ele não deixe de pôr a Sua mão sobre nós.

AULAS — Estamos no início do primeiro período, os nossos estudantes parece que entraram com o pé direito para este novo ano escolar, «é preciso criar estofos para sermos bons estudantes». E, para isso, é preciso começar a agarrarmo-nos aos livros logo que as aulas comecem para não perdermos a matéria. Que os nossos estudantes estejam convencidos com este espírito. E assim esperamos que haja bons frutos neste ano escolar.

ALERTA — Triste nos dias de hoje em que o Homem vive e trabalha para melhores condições de vida, novas tecnologias prolongando mais anos de vida...

O Homem adquiriu boas maneiras, condutas para o bem-estar, mas esquece-se de pormenores mais importantes na vida do ser humano.

Cada vez mais o Homem vende-se pelo dinheiro, passando por cima de tudo e de todas as pessoas que o rodeiam. O sentimento afectivo adormeceu nos Homens... não se tem

tempo para fazer amigos de verdade ou ajudar os mais fracassados pelas injustiças, passando ao lado porque a manipulação e o espírito do mal é bem mais forte; essa máscara muda-se de noite para o dia sem remorsos nem dor...

É uma pena que nos dias de hoje ainda exista cada vez mais pobreza humana no nosso mundo.

As injustiças nunca vão acabar, mas dêem força aos sentimentos para consolar o próximo e ajudar.

AMIGOS — Temo-los nos momentos bons e maus. A vida é feita de pontos baixos e altos e, neste momento, estamos num dos momentos mais baixos do nosso caminhar. A Casa do Gaiato agradece o vosso apoio, confiança e que não se perca a pedagogia de Padre Américo ou «Pai Américo». No nosso viver encontramos boas vidas que rápido passam... e vidas más que parecem não vêem o bem que lhes deram e, por mais que as vezes se dá, nunca se alegram. Possuem dentro delas pensamentos destruidores, passando e criando «sepulturas» humanas. Amigos, mais uma vez o nosso muito obrigado por estarem connosco em todos os momentos e por partilharem do pouco que têm. Ele dará de formas diferentes nem que seja num simples olhar... Estará presente na dor.

O cuco

*Ele tem poder
Imaginação fértil
Não sabe perder
Sente-se útil
Não sabe onde dormirá
O seu ninho
É uma falsa carapuça
Quando chove torrencialmente
Fica sem casa
Pois não construiu alicerce
A sua base
É feita de esferovite
E o ninho
Acaba por voar...*

Abílio Pequeno

Cartas

«Felicitando-vos por toda a entrega ao serviço do Reino na pessoa dos mais pequeninos. Envio uma pequena importância para o que necessitarem.

Assinante 60114».

«Do coração desejo a paz e a graça do Senhor para as crianças e todos que trabalham com tanto amor nas vossas Casas.

Agradeço o envio do vosso tão precioso *Jornal* que recebo regularmente. Como tenho problemas graves com os meus olhos e não posso ler durante muito tempo, trago O GAIATO na carteira e, sempre que posso, vou lendo aos poucos. Junto envio um cheque referente à assinatura deste ano. Esta está em nome de um filho mais velho.

Quero ainda dizer como aprecio o trabalho dos sacerdotes e o modo como se processa a vida nas vossas Casas. Pergunto muitas vezes: alguém critica e tenta denegrir o vosso trabalho? Recordo a

palavra do Evangelho: «Têm olhos e não vêem, ouvidos e não ouvem». Todo o bem que tantos e tantos gaiatos têm usufruído nas vossas Casas, seja ele espiritual, moral ou material, é incontável e está escrito no Livro da Vida. Tanta instrução, tolerância, paciência e carinho os sacerdotes distribuem e tantos Homens bem preparados para serem bons chefes de família têm formado! Bem-hajem e que a todos Deus continue a ajudar e recompense com as Suas melhores Graças.

Peço orações pela minha família.

Assinante 8200».

«Seria injusto e ficaria muito pesaroso se, ao enviar este cheque, não lhes dissesse obrigado por tudo quanto têm feito e pela continuação dos objectivos da grande Obra de Pai Américo. Continuem e não dêem ouvidos aos loucos.

O trabalho que estão a executar, com grande humanismo e amor, em África, muito me tem

Tragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Outubro,
55.766 exemplares

Setúbal

Mãe aflita

UMA mãe aflita veio até nós em busca de ajuda, querendo salvar o filho, ainda uma criança.

Na escola, é quase marginal. Parte vidros, falta às aulas e o seu futuro vem carregado de nuvens negras que esta mãe sente aproximarem-se.

No diálogo com ele, uma só coisa centra a sua atenção e desejo: ter uma máquina de jogos (de modelo muito em voga). Tudo está dependente, para ele, desse objecto.

Não haverá criança, hoje, que não se projecte no movimento e acção destas fantasias. É vê-los nos momentos livres, pelo menos, agarrados e totalmente absorvidos em matraquear os botões de comando em telemóveis e noutras máquinas portáteis que lhes vêm parar à mão tão facilmente, a pos-

sibilidade de se divertirem a seu belo prazer. Os nossos, mesmo alguns dos mais velhos, também não perdem, sempre que podem, a oportunidade para fazerem o mesmo.

Seria um simples passatempo se dele não surgissem desvios e deformação na personalidade dos seus praticantes. Tantos casos vão sendo conhecidos de delinquência juvenil que ganha raízes na prática destes jogos. Pela concentração com que absorvem, deixam nas mentes um rasto que dificilmente se apaga. Como, por vezes, são jogos de violência, não é fácil adivinhar como irão influenciar no mesmo sentido aqueles que transportam essa *auréola*, quando surge uma relação conflituosa. Ora estas são o pão de cada dia nas idades mais jovens.

Voltando ao pequeno, causa e

objecto da nossa preocupação, sabemos já como é conflituosa a sua vida em casa da mãe e na escola. A mãe, que vive do seu trabalho, diz que é impossível ter paz em casa e que a família restante o rejeita. A escola parece não ter meios para o integrar com normalidade. Que fazer para o podermos ajudar?

Alguns fariam um relatório: analisariam, classificariam e afastariam, como diria Pai Américo. Nós não podemos fazer assim. Temos de acolher aqueles que ninguém quer ou não têm meios suficientes para o fazer. Dar-lhe não só a escola e o pão, mas também calor humano e um sentido para a existência que não se fixe nem acabe nas obras dos homens.

A vida não é um jogo, mas tem também algo a conquistar que se ganha, perdendo-a.

O desejo deste pequeno — ter um jogo — é também o nosso. Temos quem conosco jogue a sua vida em favor deste e outros rejeitados, disposto a perder para ganhar o prémio maior: a Vida.

Padre Júlio

Moçambique

Continuação da página 1

fome. Se Cristo não tivesse proclamado as Bem-Aventuras como o destino eterno do homem sofredor e a maldição eterna para os que causam sofrimento, que mundo seria o nosso? Não posso, nem por um momento sentir-me contente, ao lado dos que trabalham comigo, por ter com que matar a fome a tanta gente.

Começaram hoje, último dia de Outubro, as férias escolares, mas não podemos fechar as Creches nem Berçários. Seria colocar em risco mais de

duas mil crianças que ali são atendidas diariamente. Em vez de duas refeições diárias vamos dar só uma, com o pequeno apoio que ainda resta da Cooperação Espanhola deste ano.

Para os mais de duzentos que recebem anti-retrovirais, tínhamos também o apoio do Conselho Nacional de Combate à Sida e podíamos distribuir peixe e ovos aos doentes, como reforço alimentar. Agora acabou o Projecto, cresceu o problema e sobrou para nós, como diz o brasileiro. Só mesmo farinha e milho teremos que dê até ao fim do ano. Pedimos a Deus que não falte a saúde a quem trabalha ao nosso lado nesta hora tão importante como angustiosa para tantos de quem cuidamos como irmãos.

Padre José Maria

sensibilizado pelo que gostaria esta dívida fosse encaminhada para lá, se assim concordarem, pois é o resultado da minha renúncia de não fazer férias este ano. Continuo pedindo a Deus que o Seu auxílio nunca vos falte.

Assinante 16071».

«Peço a Deus que esses outros deixem trabalhar em paz quem sabe trabalhar. Aqui envio a minha pequena contribuição para a vossa Obra. Tenho tido muitos problemas, daí a minha demora no envio desta pequena quantia.

Peço desculpa e lembro que só a morte me impedirá de enviar este pequeno contributo.

Assinante 58724».

«Venho por este meio contribuir com um simples donativo respeitante à acumulação de pontos de abastecimento da Shell, são 25 euros e espero que vos façam algum jeito. Informo que não quero qualquer tipo de recibo.

Aproveito para dizer que sejam fortes e desprezem as críticas que vos fazem porque essas pessoas, comparadas com a Obra que vocês realizam, são insignificantes.

Quero despedir-me com um bem-hajam e que o Senhor vos dê força para a vossa caridade.

José Valente».

«Em comunhão convosco na providencial Obra da Rua, envio a

oferta junta, de 2500 euros. Peço recibo para dedução de IRC.

Assinante 39326».

«Venho informar que procedi hoje à transferência bancária de 200 euros para a conta da Casa do Gaiato, na Caixa Geral de Depósitos. É uma ajuda monetária que faço com o coração, desejando que, deste modo, possa contribuir para a vossa Obra, que tem continuado a sua missão, como Pai Américo desejou.

O GAIATO tem sido de há bastante tempo leitura ao deitar, o que me permite meditar sobre os problemas dos mais Pobres e de como tantas pessoas boas se dedicam na resolução desses problemas. Quem não tiver vocação ou capacidade de acção, ao menos que contribua para diminuir as carências de quem precisa, o que é o meu caso.

No último número d'O GAIATO vi uma foto de antigos gaiatos junto ao busto de Pai Américo, em Setúbal. Lembrei-me que n'O GAIATO poderia ser mais desenvolvida a secção dedicada aos antigos gaiatos por forma a divulgar por toda a gente o seu projecto de vida e como a Obra contribui para a sua formação, salvaguardando, evidentemente, a sua privacidade. Seria uma forma de esclarecer a sociedade das virtudes da Obra na formação dos rapazes.

Assinante 66432»

Padre Manuel António

Benguela

Continuação da página 1

não podem nem devem esquecer este direito.

Dentro deste contexto, vejo e julgo o gesto da empresa Planalto Lda., para com a Casa do Gaiato. «Somos uma empresa pobre», dizia-nos o seu representante; «quanto mais vendermos mais poderemos distribuir», continuou. É uma linguagem nova, não há dúvida, dentro do conjunto das empresas instaladas. Há muitos anos que não ouvimos falar assim. Os que têm coração pobre entendem os Pobres e amam-nos. As empresas também devem ter coração pobre. É verdade.

Recordo-me dos primeiros anos da nossa vida, em Angola. A construção de raiz da nossa Aldeia só foi possível graças às mãos dadas dos empresários daquele tempo e às migalhas de ouro do povo. Quem dera a cultura da solidariedade entre na vida das empresas emergentes e das que já estão instaladas há vários anos, em Angola.

DOCTRINA



Vamos chegar à hora das reformas em pacífica revolução...?!

«**A** fim de se reformar a actividade do Colégio dos Órfãos e Internato Municipal, que devem antes de mais revestir a forma de Escolas de Artes e Ofícios, determinou o Presidente da Câmara do Porto que os respectivos directores, de acordo com a 1.ª e a 3.ª Direcções de Serviços, elaborem o projecto de aprendizagem de certos ofícios, como os de dactilógrafo, calceteiro, cimenteiro, jardineiro, pedreiro, trolha, etc., de modo a constituir-se Escola que possa fornecer à própria Câmara os seus operários, assim mais completa e disciplinarmente preparados.»

ISTO vinha nos jornais do dia. Será que vamos chegar finalmente à hora das reformas em pacífica revolução, valorizando a raça sem forçar a Natureza?! Que todos os olhos se voltem para esta hora e bendigam todos quantos nela trabalham. Nós acreditamos no futuro que nasce e se forma no matrimónio talhado no Céu. Uma árvore boa não pode dar frutos maus. Se nós temos na nossa terra, felizmente, muitos Organismos destinados a receber e a educar as crianças sem Lar, essas Obras sociais serão tanto mais eficazes quanto mais se aproximarem da Família, nos seus métodos de criar e tratar as crianças. Há-de casar-se a miséria com a misericórdia. Há-de ser famílias. Os que lá moram não podem nunca ter outro nome que não seja o de filho. Número? Ninguém gosta de ser chamado por um nome que não tem, quanto mais por um de «asilado»; é coisa que soa muito mal. Nas casas de família todos os filhos trabalham nas ocupações de que são capazes. Ajudam conforme as suas posses. Dá-se-lhes interesse. Cria-se-lhes amor. Os pais observam.

OUTRO dia, foi um pequenino a Fátima pedir o milagre da vista que pouco antes perdera. Devia ter uns dez anos. Alguém que estava ao pé escutou a oração: «Mãe do Céu, eu quero ver para ajudar o meu pai no trabalho dos campos, pois fico em casa e ainda é preciso ficar comigo um irmão com medo de eu ir pró lume!»

NINGUÉM sonha o interesse que toma os pequeninos pelo trabalho da Casa quando sabem e sentem que estão em sua casa! Ora aqueles que perderam os pais, não perderam de maneira nenhuma o gosto de serem filhos. Os que não têm lareira, não perderam o sabor dela. Os que são obrigados às sobras frias, têm o paladar da comida quente. Deus não pode destruir a obra das Suas mãos. A criança é um homem a desabrochar.

DE uma vez entrei num estabelecimento de educação de rapazes da rua e não vi nenhum no seu posto. Cozinha, refeitório, dormitórios, pátios, jardins, quintais, tudo ocupado por estranhos! Obras feitas e sustentadas por amor deles, com os lugares tomados por outros e as crianças sem acção, sem voz, sem interesse, sem alegria! Dá pena! Eu quisera ver casas de família, com vida de família. Ainda que algum fuja, espera-se a volta. Nada há mais doloroso à criança do que temer o castigo ou a prisão do regresso. Basta a dor de quem sente a fuga, para fazer com que o filho volte.

Há dias fugiu-nos um rapaz. Em Guimarães, perguntaram-lhe se não conhecia a Casa do Gaiato.

- Não conheço.
- Também não conheces o Padre Américo?
- Não conheço.

VOLTOU esfarrapado e desenganado. É filho. Era um dos do grupo que apanham pasto para as vossas vacas. Tomou conta do seu lugar. Negou a Casa? Negou o Pai? Ninguém tão amigo como Jesus, e Pedro fez assim! Não custa que o Mestre o increpasse; antes, que um olhar compreensivo e amoroso o levou ao arrependimento.

SÃO assim os episódios na vida de família. Não há números: há almas. Campos de concentração, mesmo sem aqueles horrores que temos ouvido, são lugares impróprios para formar homens de bem. Direcções. Mesários. Mordomias. Todos devem fazer alto e olhar com sinceridade, porquanto as obras dos homens, assim como eles, não são perfeitas e podem, a toda a hora, ser um nadinha aperfeiçoadas.

D. Américo

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)



Malanje

Meditando

AO contemplar a foto dum mosteiro nos Pirenéus orientais — encravado na crista da montanha, a mil metros de altitude, senti-me enlevado e maravilhado com aquele majestoso ninho de águias da Fé no Senhor Jesus.

Não foi só o desejo de aprofundar a Fé que levou tantos antigos padres a procurarem o deserto. Quiçá e verdadeiramente — um sentimento de revolta para com as frivolidades tão mundanas sem Deus.

Esta sedução pelas cristas das montanhas ainda está latente em muitos corações sedentos de Cristo Vivo e Presente.

A nostalgia de Deus presente no coração humano! Sentado à beira de um riacho no coração das montanhas, simplesmente, a olhar as águas correndo!

Verdade que tantos amigos de Deus conseguem o seu deserto nos jardins, cafés, catedrais do desporto e grandes supermercados desta sociedade em que nos movemos.

Dizia-me, há dias, um amigo: «Sabe que, naturalmente, me isolo e consigo escrever nos cafés e, até já me tem acontecido, nas catedrais do desporto».

Encantado e feliz este amigo sabe encontrar o seu deserto nas grande catedrais desta nova sociedade que está fugindo de Deus.

«É urgente aprender a fazer silêncio, saber ouvir e deixar que Deus fale na nossa vida».

De facto o ambiente é de deserto espiritual. Lembro aquele árabe que já extenuado e sem forças encontrou um embrulho na areia árida e escaldante. Sedento, desembrulhou, julgando que fosse algum alívio e, desiludido, viu que eram pérolas. Deitou fora e continuou rastejando na esperança de um oásis.

Também deserto, a tua sede na Cruz, depois da caminhada dolorosa e escaldante até ao Calvário. Como te saberia bem um copo de água fresca em vez do vinagre.

Mas a tua verdadeira sede é mais profunda!
Virou fonte de amor para matar a nossa!

Pobres de nós neste deserto da vida — não atinando com a tua fonte!

O nosso egoísmo, futilidades e fuga do verdadeiro bem — são capinzal fechado que tapou o carreiro.

O que me suscitou esta breve meditação? O facto de Padre Eduardo, dos Padres Operários, de Espanha, ir fazer uma experiência de deserto na nossa Carianga. Já tem quarto e estamos fazendo uma pequena cozinha. Tenho a certeza de que vai rezar muito por nós e, como até agora, nos dará uma grande ajuda.

Padre Telmo

Utopia

ESTE ponto que destacamos como se formalmente de um capítulo se tratasse, tem o número 4: *Das viagens dos utopianos e de outros assuntos espirituosa e habilmente discorridos*.

«A ilha da Utopia é como uma única família». E como «não é praticável nem há disfarce para a preguiça ou para o vício», os utopianos em viagem, aonde quer que cheguem, cumprem os seus objectivos, mas na participação da vida e afazeres daqueles que visitam. Não há bagagens nem provisões porque em todo o lugar o cidadão tem direito à subsistência e a tudo de que precise. O dinheiro não circula entre eles. Nem conta aquilo que o significa, tal como o ouro e a prata que «são estimados apenas pelo valor que a Natureza lhes confere», não pela sua raridade. Mais valorizam «o ferro tão necessário ao homem como o fogo e a água». De resto, «a Natureza, como mãe providente, oferece a descoberto o ar, a água e o próprio solo; e esconde no seu seio os pro-

duto vãos e inúteis» cuja valia os homens convencionaram empolar.

E a este propósito, é-nos contado um episódio «espirituoso» aquando da visita de uma embaixada estrangeira. Os ricos (espécie inexistente na ilha) espantam os utopianos pelo seu apego ao esplendor artificial de que se revestem, pois aquilo a que dão a primazia do seu apreço são os valores inerentes à pessoa, esses, sim, o bem que procuram incansavelmente acrescentar. Por isso se dedicam com todo o empenho ao enriquecimento do espírito, de tal modo que, «apesar de nunca terem ouvido falar dos famosos filósofos que nós conhecemos, no entanto, na música, lógica, aritmética e geometria fizeram mais ou menos as mesmas descobertas que os nossos filósofos realizaram». «E são peritos excelentes no que se refere ao curso dos astros e aos movimentos das esferas celestes».

Esta ânsia de saber faz com que «o estrangeiro seja recebido e tratado com todas as honras, especialmente se recomendado por algum

mérito ou dom do espírito». Comprova-o Mestre Rafael, o narrador de que Tomás More se serve para a sua efabulação, dizendo que, quer ele quer outros visitantes do país não podem escolher melhor prenda para lá deixar do que livros que permitam aos utopianos conhecer línguas, especialmente o grego, e o pensamento de filósofos e as ciências desenvolvidas em outras paragens do mundo, que os próprios utopianos por sua vez trabalham com inteligência e engenho, certos de que «por essa actividade são agradáveis ao Criador e Autor da vida (...) que expôs a sua obra maravilhosa aos olhos do homem, a quem criou com espírito e capaci-

Tribuna de Coimbra

Lar de Coimbra

VOLTAMOS ao nosso Lar de Coimbra. Hoje, mais por causa das pessoas especiais que o formam — os rapazes — do que pela sua materialidade. Este ano são 21 rapazes. O ano passado, o mais velho era o nosso Pedrito que é funcionário judicial. Era assim uma espécie de «pai», principalmente para os mais pequenitos. O nosso Pedrito tem 30 anos. Daqui para a frente, já não podemos contar com ele, deslocado que foi, profissionalmente, para a linda Vila de Almeida, lá bem no coração da Beira Alta. Também para lá, já há muito, se tinha deslocado o seu coração..., os seus projectos, o seu futuro. Faz parte da vida! Na cidade da Guarda adquiriu um T3 para concretizar o sonho de ali construir a sua família. Vamos ficar sem ele e a sua ida, que só será definitiva quando casar no próximo ano, vai deixar saudade.

O Ângelo é agora o mais velho. Trabalha na Fimartel, uma empresa de antigo gaiato, e estuda à noite para concluir o 12.º ano. Tem 23 anos. Os Chefes são Adriano e o Reinaldo, de 18 e de 16 anos respectivamente. São próximos dos seus companheiros, não deixando de ser exigentes e amigos, um sinal positivo do que é ser «próximo»: relação desinteressada e libertadora. Não confiamos menos por serem assim tão novos ou não possuírem os nossos «saberes» adquiridos. Ai de nós se não confiássemos! Mas também a nossa proximidade dá fé da confiança merecida.

Dispersos pelas escolas de Coimbra, S. Pedro, Martim de Freitas, Brotero, D. Dinis, IEF da Pedrulha, ali passam dias a fio de um período único da sua vida; tão importante. São, de facto, raros os rapazes que saídos de cá sem a escolaridade obrigatória alguma vez, por lá, a completam. Não têm em mais lado algum os meios, as pessoas e a ocasião para a concluir: o ambiente de estudo, de convívio, a ajuda oportuna de professores, em regime de voluntariado, amigos e competentes. Os catequistas são outro elemento estruturante de que beneficiam. Quantos jovens não têm esta oportunidade de se confrontarem com os grandes valores da vida e da fé. É o homem todo que lhes é apresentado na Pessoa de Cristo, por pessoas de grande formação humanística e cristã: um engenheiro químico, um economista, um estudante de Direito. Uma mais valia a despertar o desejo de ser mais em tudo.

Duas senhoras, mães de filhos, portanto, com uma sensibilidade apurada, cuidam do resto — que não é menos. Fazem dois turnos. É seguramente o elemento mais «pobre» pelo facto da sua presença, tão necessária, não poder ser permanente. Mas que fazer? Os dias que correm não permitem senão que nos lamentemos... parece que as vocações de consagração continuam pelo «deserto» ou tendem a ser substituídas pela técnica bem remunerada: um grande empobrecimento. Continuamos a acreditar que não vai ser assim sempre. Contamos com ajuda que nos vem da fé e do coração de muitos dos nossos amigos — das crianças e dos pobres. Afinal as obras do Lar passaram dos 15 mil euros orçamentados para cerca de 25 mil: «Ó fulano, tape mais aquilo e rasgue mais além...» e a factura cresceu! A generosidade também, acreditamos!

Padre João

dade para compreender a excelência de tão imensa obra».

Abordaremos em próximo escrito as Religiões dos utopianos. Mas devemos antecipar que a *Lei Natural* é a sua norma fundamental. «Viver conforme a natureza — é a virtude». E é também a felicidade «para a qual a bondade de Deus criou o homem e o dotou de alma imortal». Ainda que estes princípios pertençam à religião, «os utopianos pensam que eles devem ser aceites e acreditados por meio da razão». E acrescentam que «a natureza leva todos os homens a ajudarem-se mutuamente para viverem felizes».

O prazer do corpo e do espírito é uma meta importante para eles; mas que «nunca se procurem prazeres que possam prejudicar outros». A vaidade, o orgulho em honras vãs, a

avareza (nomeadamente no que toca à rigidez para com os devedores), os jogos de azar («cuja loucura os utopianos só conhecem de nome, não porque os praticem») — são considerados falsos prazeres porque vitimam sempre alguém.

Dos prazeres do corpo, a saúde tem proeminência: «Sem ela não há lugar para o prazer». Os do espírito passam sempre pela «inteligência e a alegria que advêm da contemplação da verdade e pela recordação de uma vida vivida na virtude».

Todavia, diz Mestre Rafael, o narrador: «Se a sua moral é boa ou má, nem o tempo no-lo permite discernir nem o âmbito da nossa conversa abrange tal coisa, pois decidimos descrever os costumes e as instituições dos utopianos e não fazer a sua apologia».

Também nós, esgotado o espaço que nos cabe e o que nos pareceu essencial resumir das vinte e três páginas deste capítulo, não temos outra intenção que não seja fazer reflectir sobre o contraste entre aqueles costumes, sempre marcados pelo selo da fraternidade, e o hedonismo que hoje impera, «a moral do instante ou do prazer» segundo a qual, para a «realização pessoal» cujo direito cada um reivindica para si, vale tudo... — até a matança de inocentes.

Padre Carlos

PENSAMENTO

É possível, até, que pela força desta luz haja quem a não possa encarar, cerrando os olhos como outrora fizeram os Discípulos do Mestre. É possível. Quisera eu que ao abri-los em franco despertar, não vissem neste Tabor senão somente Jesus, tal qual os Apóstolos! Sim, digo bem, transfiguração! Só a Caridade é capaz de realizar este prodígio — a verdadeira, tal como se encontra em gema no seio do próprio Deus. Aquela mesma que não sofre nem admite caricaturas, tal como a falsa que se encontra nas festas do suposto bem-fazer.

PAI AMÉRICO